
O QUE FAZ COM QUE UMA SOCIEDADE SEJA INOVADORA?

Juliana de Toledo Machado

Mestra em Tecnologia e Sociedade – UTFPR

Editora da Revista Conhecimento Interativo- Faculdade da Indústria – SJP

Juliana.machado@sesipr.org.br

RESUMO

Este estudo serviu como base para o eixo temático Sociedades Inovadoras do BAWB Global Forum 2010 – edição virtual que buscou compreender o que faz com que certas sociedades sejam mais inovadoras do que outras. Busca-se traçar um perfil das pessoas inovadoras e compreender até que ponto as questões culturais contribuem ou atrapalham o processo inovador, levando indivíduos e sociedades ao sucesso ou ao colapso.

Palavras-chaves: Sociedade Inovadora. Redes Sociais. Cultura, Inovação.

1 INTRODUÇÃO

Estudos nos mostram que a cultura está profundamente ligada ao processo de formação das sociedades humanas, estabelecendo uma relação simbiótica, interdependente, e dinâmica, que acompanha o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, expressando sua linguagem, valores, gestos e comportamentos.

A partir do momento em que o ser humano começou a interferir no espaço natural criando artefatos, esses passaram a interagir e a participar na constituição de si mesmo, tornando-se referência para a sua própria existência. Dessa maneira, a natureza, o desenvolvimento e a cultura do ser humano se configuraram em processos inseparáveis, resultando na construção de símbolos, da linguagem, da comunicação, das relações e das práticas dos indivíduos e sociedades (SANTOS, 2008).

Conforme essas relações humanas foram se estabelecendo em determinado tempo e espaço, elas foram também se tornando mais complexas, tanto que a tentativa de reconstruir um relato inteligente do que é o homem tem permeado todo o pensamento científico sobre a cultura desde a derrubada da visão da natureza humana dominante no iluminismo, cuja perspectiva apregoava que há uma natureza humana tão regularmente organizada, tão perfeitamente invariável e tão maravilhosamente simples como o universo de Newton.

A imagem de uma natureza humana constante, independente do tempo, lugar e circunstância, de estudos e profissões, modas passageiras e opiniões temporárias, pode ser uma ilusão, uma vez que o que o homem é e o que ele faz pode estar tão envolvido com onde ele está, com quem ele interage e no que ele acredita, que o seu eu é inseparável destes. Levar em conta tal possibilidade deu margem ao surgimento do conceito de cultura e ao declínio da perspectiva uniforme do homem, ainda que a noção de *consensus gentium* (um consenso de toda a humanidade) – ou seja, a noção de que há coisas sobre as quais todos os homens concordam como corretas, reais, justas ou atrativas, e que de fato essas coisas são, portanto, corretas, reais, justas ou atrativas, estava presente no iluminismo e também esteve e está presente de uma ou outra forma, em todas as eras e climas.

Nesse panorama, cabe ressaltar a afirmação de Srauss (1952) que diz que não existe nenhuma cultura, mas culturas. A questão é como se dá a relação entre essas culturas? Talvez mais importante ainda seja descobrir quais são os elementos culturais que fazem com que uma sociedade seja inovadora?

2 CULTURA, INOVAÇÃO E SOCIEDADE

Voltando o olhar sobre a formação das sociedades, distinguimos que sempre os indivíduos se reuniram em uma comunidade, buscaram auto-ordenação que lhes possibilitasse se manter, se desenvolver e prosperar (FRANCO,2008). Uma vez que a prosperidade e o desenvolvimento só podem vir por meio da inovação, compreendida pela substituição de formas antigas por novas formas de produzir e consumir, caracterizando então, por meio dessa substituição permanente por novos produtos, processos e modelos o conceito de destruição criativa, destacaram-se os indivíduos com características empreendedoras, que são os protagonistas dessas mudanças.

Tais indivíduos são capazes de lidar com as incertezas sobre os resultados de suas atividades, de deixar que seus conhecimentos posteriores se configurem em aprendizados que levam à ações acertadas, de utilizar novos conhecimentos e aplicar novos usos para conhecimentos já existentes e, acima de tudo, de se posicionar. Os indivíduos e as sociedades bem-sucedidos são os que têm coragem de tomar decisões difíceis.

A História nos apresenta muitos casos de sucesso ou fracasso de sociedades e empresas, que obtiveram ou não êxito e garantiram sua continuidade, por meio de uma

⁵⁶ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 8, n. 1, p. 55-61, jan./jun. 2014.

tomada de decisão que se revelou brilhante ou catastrófica (DIAMOND, 2006). Tomar decisão, entretanto, não é uma simples ação. Muitas vezes se falha por não conseguir antever o problema antes que ele ocorra, ou ainda, quando os indivíduos o percebem, buscam solucioná-lo com uma falsa analogia, tentando em uma situação desconhecida, traçar analogias com situações familiares.

Tais atos falhos podem ocorrer por inúmeras razões, entre elas, por serem suas origens imperceptíveis, pela administração (seja da empresa, da cidade, da fazenda, etc) ocorrer à distância, dificultando a visão do todo e, por fim, quando o problema toma a forma de uma tendência lenta, exemplificada pelo que é chamado de “normalidade deslizando” e “amnésia de paisagem” (DIAMOND, 2006).

Estas últimas se apresentam como uma grande cilada para as sociedades e os indivíduos inovadores, uma vez que por serem lentas e graduais, vão se infiltrando no cotidiano até serem assumidas como parte normal deste.

A incapacidade das sociedades tomarem decisões e resolverem os problemas quando estes são detectados, é um fator que pode bloquear o processo criativo e, por consequência, a inovação.

3 O QUE FAZ COM QUE CERTAS SOCIEDADES SEJAM MAIS INOVADORAS E BEM SUCEDIDAS QUE OUTRAS?

De acordo com Jared Diamond (2006) um dos motivos observáveis envolve as diferenças entre ambientes que impõem mais desafios que outros, do que a própria sociedade. Além disso, um prematuro senso de unanimidade ostensiva, supressão de dúvidas pessoais e individuais e da expressão de visão contrária, e a constante interferência do líder quando da tomada de decisão coletiva, podem gerar maus resultados. O contrário, no entanto, como a livre discussão, a criação de um espaço de segurança e conforto para o grupo fluir, a capacidade, de tomar decisão em grupo, o compartilhamento de recursos e informações e grande coordenação das partes, se mostram como elementos fundamentais para o êxito.

Há que se ter em mente, que a inovação não é pontual e concreta, assim como não é uma fórmula ou um produto que gera renda. A capacidade de inovar de uma sociedade ou de um indivíduo está diretamente ligada à liberdade criativa. Não adianta termos grandes centros de inovação nos quais o acesso à informação, o livre pensamento o questionamento são

limitados e censurados. Tal prática resultará tão somente no fortalecimento da estrutura de poder que se esconde por baixo da arquitetura de informação e em um processo criativo e inovador aleijado.

Parece-nos que, o termo inovação, assim como sustentabilidade, ainda que muito usados em escala mundial, carecem ainda de um esclarecimento semântico na mesma escala.

4 A SOCIEDADE EM REDE

Augusto de Franco (2008) afirma que se tem observado nos últimos anos, uma mudança significativa na visão sobre a sociedade. De acordo com ele, tal mudança mostra que aquilo que antes se chamava de sociedade, não era exatamente o que estava sendo percebido, ou seja, um conjunto de indivíduos humanos distribuídos em um território e constituído com base em algumas relações recorrentes, normas e instituições historicamente estabelecidas. Segundo Franco (2008) sociedade também é isso.

Para o autor, o social não se refere a um conjunto de seres humanos, mas a um conjunto de relações. E essas relações são conexões que se caracterizam como caminhos pelos quais mensagens podem trafegar. Padrões são mensagens e podem ser transmitidos como tal e o comportamento dos indivíduos é condicionado, ao mesmo tempo, tanto por sua forma peculiar de interagir com outros seres humanos quanto pela configuração e funcionamento da teia de conexões em que esse indivíduo está inserido. O que aponta para um imbricamento inescapável entre o indivíduo (possuidor de um fluxo próprio de experiências intransferíveis) e o coletivo (fluxo das conexões com as experiências de outros indivíduos, que o atingem continuamente).

A teia de conexões é a rede social. E a rede social é o que antes era chamado simplesmente de social. E o grande tema da rede social é a auto-regulação. No entanto, quando esta é invadida por padrões de organização hierárquicos e perturbada por modos de regulação autocráticos, a rede tem sua estrutura deformada e seu funcionamento alterado – geralmente por bloqueamento de fluxos – com conseqüências perversas para a qualidade de vida e de convivência social

Franco (2008) afirma ser difícil avaliar os impactos que terá essa mudança de compreensão sobre a sociedade, mas um deles recai sobre nossa visão do desenvolvimento, pois pela primeira vez está sendo possível estabelecer uma relação intrínseca entre

desenvolvimento e democracia. Tal relação só se tornou perceptível e capaz de ser justificada teoricamente com o surgimento da idéia de capital social.

No entanto, o que chamamos de capital social – um recurso para o desenvolvimento, aventado recentemente para explicar por que certos conjuntos humanos conseguem criar ambientes cooperativos favoráveis à boa governança, à inovação, à prosperidade econômica e à expansão de uma cultura cívica capaz de melhorar suas condições de convivência social – nada mais é do que rede social. A constatação de que o capital social é produzido em maior escala em ambientes democráticos tem inspirado uma ideia seminal: a de que a democracia – leia-se a liberdade – é uma espécie de “metabolismo” próprio da rede social.

Do ponto de vista do capital social, - ou dessa nova variável que passou a ser considerada, ao lado dos fatores econômicos (o capital financeiro, e o capital físico, ou seja, a renda ou o produto e a riqueza) e dos fatores extra econômicos que também passaram a ser levados em conta (capital humano e capital natural) – desenvolvimento e inovação é o mesmo que sustentabilidade. Foi a investigação dos mecanismos ou processos de sustentabilidade que revelou o papel das redes sociais. Somente redes podem ser sustentáveis porque apenas redes conseguem mudar programas de adaptação, mantendo seu próprio padrão de identidade, ou seja, aquilo que permanece invariavelmente em sua forma de se configurar ou de fluir. Isso significa conservação da adaptação, pois só é sustentável o que consegue mudar de acordo com a mudança de circunstâncias, mantendo uma congruência dinâmica com o meio, mas conservando, porém, aquilo que o caracteriza. E em uma sociedade globalizada, só a continuidade da inovação permite alcançar a sustentabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES

Nas palavras de FRANCO (2009) em nossa sociedade globalizada, as questões relacionadas à política, à inovação, à sustentabilidade e à economia são exaltadas em detrimento das dimensões socioculturais, desconsiderando que as pessoas vão se relacionar, interagir e suas convicções, seus valores simbólicos serão unidos pela lógica globalizadora, uma vez que o nível de relações se ampliará para a escala mundial, inserindo localidades e regiões e “*desglobalizando*” outras. Nesse contexto, o mercado global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta, quando, na verdade, as diferenças locais e as necessidades de criatividade para se conseguir novas soluções são aprofundadas.

Para Castells (1999) é vislumbrada a emergência de uma nova forma de globalização, de disseminação do conhecimento e práticas na qual a mistura de povos, raças, culturas, gostos, métodos, modo de fazer, novas formas de gerir e inovar em todos os continentes, acrescentados – graças aos progressos da informação – da mistura de filosofias, a produção de uma população aglomerada, em áreas cada vez menores, humanizam e permite a construção de uma nova metanarrativa, que ganha relevância pela constatação da existência de universalidade empírica nunca antes observada.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Anda Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____ **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.2005
- CASTELLS, Manuel . Para o Estado-rede: globalização econômica e instituições políticas na era da informação. In: PEREIRA, Bresse; WILHEIM, J.; SOLA, L. **Sociedade e Estado em transformação**. Brasília: ENAP, 1999.
- CASTOR, Belmiro Valverde Jobin. Inovação Social e Desenvolvimento. In: FARFUS, Daniele et al (Orgs). **Inovações sociais – coleção inova**. Curitiba: SESI/SENAI/IEL/Unindus, 2007.
- DAGNINO, Renato. A Comunidade de pesquisa dos países avançados e a elaboração da política de ciência e tecnologia. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.21 Nº 61. P. 191-228.
- DIAMOND, Jared. Colapso. **Como as sociedades escolheram o fracasso ou o sucesso**. T. Alexandre Raposo. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006
- DOSI, G. The nature of the innovative process. In: DOSI, G et al.(Orgs). Technical change and economic theory. (London: Pinter Publishers, (1988) in SANTOS, G.J. A interfuncionalidade entre marketing e gestão de ciência tecnologia na empresa. **Gestão & Produção**, v.10, n. 3 São Carlos, 2003.
- FRANCO, Augusto de. <http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/redes-sao-ambientes-de-access> on 10 September 2010.
- FRANCO, Augusto de. **Escola de Redes – Sustentabilidade Empresarial e responsabilidade Corporativa no século 21**. Curitiba. ARCA – Sociedade de Conhecimentos. 2008.
- GEERTZ, Clifford. **O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem**. São Paulo: Zahar, 1978

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2002.

MUSSI, Ana Paula Toledo Machado. **Mapeamento de Competências para Inovação.** 2009. 44f. Monografia. Especialização em Gestão Estratégica de Tecnologia e Inovação) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

RAMOS, A.G. **A nova ciência das organizações.** Rio de Janeiro: FGV, 1981.

ROCHA LOURES, Rodrigo C. da. **Sustentabilidade XXI: Educar e inovar sob uma nova consciência.** São Paulo: Ed. Gente, 2009

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008

STRAUSS, Claude Lévi. **Raça e história.** Paris: Unesco, 1952

UGARTE, Davi de. **Los futuros que vienen.** Madrid: Domínio Público, 2010

UGARTE, Davi de. **O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008